



UNIÃO DE RESISTENTES ANTIFASCISTAS PORTUGUESES

SÉRIE 4 - N.º 141
ABR./JUN. 2014 TRIMENSÁRIO - € 0,20

PROPRIEDADE DA UNIÃO DE RESISTENTES ANTIFASCISTAS PORTUGUESES

www.URAP.pt

geral@urap.pt

EDITORIAL

FASCISMO NUNCA MAIS

Grandes! Grandes foram as comemorações dos 40 anos do 25 de Abril: porque não foram comemorações apenas comemorações. Foram uma festa de combativa defesa das conquistas da revolução e de denúncia dos seus traidores. Destes, houve quem quisesse entrar. Mas os democratas, atentos, não abriram a porta. Porque ela é a festa, não da palavra vã, mas da verdadeira democracia, aquela na qual o povo é quem mais ordena, na qual quem quer esmagar o povo não tem lugar.

A URAP, unindo os resistentes antifascistas de ontem e de hoje, empenhou-se – e julgamos ter estado à altura – em contar como foi... e como é. Aqueles combatentes antifascistas que conheceram na pele os negros anos do fascismo, a luta clandestina, as prisões e as torturas, correram o País testemunhando na primeira pessoa que é possível organizar, resistir e vencer um poder opressor. Deram um contributo inestimável, sobretudo junto das jovens gerações, para que não se branqueie a história e para que não se volte a repetir.

Tratou-se de uma intensa actividade da direcção central da URAP e dos seus núcleos. A URAP estabeleceu contacto com largas dezenas de escolas e colectividades. Foram inúmeras as sessões e debates. A exposição da URAP foi vista por largas centenas de pessoas. Dezenas de turmas visitaram a prisão de Peniche com a URAP. Ainda que de forma ténue, procuramos dar conta disso neste boletim.

O desafio que agora se coloca é transformar toda esta actividade em organização. Reforçar

os núcleos existentes e criar novos núcleos é a palavra de ordem central: aproveitar novos contactos, inscrever novos sócios, responsabilizar mais companheiros com tarefas, actualizar as quotas, reforçar a actividade... As necessidades e as potencialidades são muitas. Consigamos nós aproveitá-las. Adquire particular importância as acções desenvolvidas pelo núcleo do Porto para a classificação da antiga sede da PIDE desta cidade.

Reforçar a URAP não é um fim em si. Num quadro em que, no plano nacional e internacional, se enfrenta um profundo retrocesso civilizacional com o ataque aos mais elementares direitos e liberdades dos trabalhadores e do povo, fortalecer as fileiras antifascistas é um caminho indispensável para a sua defesa e para travar as formas mais violentas de opressão e exploração. Bem sabemos ser a miséria (na ausência de perspectiva política que permita identificar o verdadeiro inimigo) um terreno fértil para germinar sentimentos antidemocráticos, racistas e xenófobos. E bem sabemos que o sistema explorador (assim a correlação de forças o permita) não afastou e não afastará o recurso às forças fascistas para fazer valer o seu domínio. A Ucrânia é caso exemplar.

Nas eleições para o Parlamento Europeu, no final do mês de Maio, verificou-se o crescimento de forças de extrema-direita. Ao analisar este facto, não podemos esquecer o empolamento que estas forças tiveram, nem desligá-lo da tentativa de, por um lado, branquear a social-democracia e a direita e, por outro, de impedir o crescimento de forças que preconizam um caminho progressista para a Europa. Mas aquilo que as eleições mais põem em destaque é, sem dúvida, o descrédito das orientações neoliberais, militaristas e federalistas da União Europeia que conduzem à perda de soberania e destruição de direitos. No nosso país isso ficou bem patente no resultado obtido pelos três partidos da troika nacional. A questão está em transformar esse descrédito em protesto organizado e conseqüente por uma Europa dos povos.

UM ABRIL MAIOR - págs. 2 a 5

As comemorações dos 40 anos da Revolução de Abril foram este ano ainda maiores, revelando o apego popular às suas conquistas e valores.

FASCISMO NA UCRÂNIA - págs. 6 e 7

PRESERVAR A MEMÓRIA - pág. 8

Ana Pato

URAP assinalou 40 anos da Revolução UM ABRIL MAIOR

A dimensão que as comemorações populares dos 40 anos da Revolução de Abril assumiram em todo o País são uma contundente prova de que Abril está vivo no coração e na memória do povo. A URAP, por sua própria iniciativa ou em cooperação com outras organizações, movimentos e estruturas, levou longe estas comemorações, combatendo o branqueamento da história e afirmando a perenidade dos valores de Abril.

Como habitualmente sucede, a URAP integrou as comissões promotoras das comemorações populares da Revolução em diversos locais do País. Especial destaque merecem, pela sua dimensão e abrangência, os desfiles imensos realizados em Lisboa e no Porto – os maiores desde há décadas – que reuniram muitas centenas de milhares de pessoas.

As sessões em escolas, colectividades e outros espaços públicos (muitas vezes acompanhadas de uma exposição evocativa, elaborada pela URAP) foram outra das vertentes que as comemorações assumiram, permitindo que largas centenas de pessoas tomassem contacto com o que foi o fascismo e a resistência antifascista e a profundidade das conquistas de Abril, hoje tão seriamente ameaçadas. A expor estas e outras questões estiveram dirigentes e membros da URAP, resistentes antifascistas e ex-presos políticos.



Lápide evocativa da libertação dos presos políticos



Desfile de dia 25 de Abril no Porto

SESSÕES E DEBATES

Lisboa

Escola de Camarate (Loures), para alunos e professores; com José Pedro Soares;

Escola Secundária Eduardo Gageiro (Loures), para alunos e professores, com 70 presenças; com Manuel Pedro;

Escola José Cardoso Pires, em Santo António dos Cavaleiros (Loures) para alunos e professores, com 50 presenças; com Feliciano David;

Escola Dr. António Carvalho Figueiredo, em Loures, com 50 alunos e professores; com Feliciano David;

Biblioteca da Escola João Villaret, em Loures, com 80 professores e alunos; com Feliciano David.

Comissão de Reformados e Pensionistas e Santa Iria de Azóia (Loures), com 40 participantes; com Bento Luís e Luís Figueiredo;

Associação de Reformados de S. João da Talha (Loures), com 80 participantes; com Diamantino Torres e Encarnação Raminho;

Sessão promovida pela Junta de Freguesia de Vila Franca de Xira com os ex-presos políticos Álvaro Pato, Arnaldo Silva, Francisco Braga e José Pedro Soares. Participaram 80 pessoas;

Escola Secundária de Castanheira do Ribatejo (Vila Franca de Xira), com José Pedro Soares;

União de Freguesias de Alhandra, São João dos Montes e Calhandriz, com o lema «Vem saber o que custou a liberdade», com Bento Luís, José Ernesto Cartaxo, José Pedro Soares e Orlando Gomes Nunes; com 60 pessoas;

Escola Básica de À-dos-Loucos (São João dos Montes/ Vila Franca de Xira), com a presença de 43 alunos e todos os professores; com Bento Luís;

Escola Aristides Sousa Mendes, na Póvoa de Santa Iria (Vila Franca de Xira), com Carlos Coutinho; participaram 60 alunos e professores;

Escola D. Martinho Castelo Branco, na Póvoa de Santa Iria (Vila Franca de Xira), com 40 alunos e professores; com Bento Luís, Nabais e Vítor Dias;



URAP

Propriedade e edição da **União de Resistentes Antifascistas Portugueses** Membro da Federação Internacional de Resistentes

Directora **Ana Pato**
Paginação e Grafismo **Sónia Semião**

Redacção e Administração
Rua Bernardo Lima, 23 - 1º Esq.
1150-075 Lisboa • Telefone 213 576 083

Escola Professor Armando Lucena, na Malveira (Mafra), com Eugénio Ruivo;

Escola EB2, 3 dr. Afonso Rodrigues Pereira, na Lourinhã, com a presença de 100 alunos; com Alina Sousa e Almiro Lopes;

Escola Secundária João Manuel da Costa Delgado, na Lourinhã, com João Neves e a participação de 120 alunos;

Escola Filipa de Lencastre, em Lisboa, para 100 pessoas; com Feliciano David;

Escola Marquês de Pombal, em Lisboa, com Bento Luís; participaram 60 alunos;

Instituto Superior de Psicologia Aplicada, com Ivo Serra e José Pedro Soares;

Escola Básica e Secundária do Cadaval, com Luís Figueiredo; 80 alunos presentes;

Escola Damião de Góis, em Alenquer, com José Pedro Soares;

Escola Luís de Freitas Branco, em Paço de Arcos (Oeiras) com José Pedro Soares.



Sessão na Escola EB 2,3 de Peniche, com a presença de Odete Santos, João Neves e Jorge Amador.

Leiria

Escola Secundária de Peniche, com João Neves;

Escola EB 2, 3, Peniche, com Odete Santos, Jorge Amador, João Neves e Henrique Bertino; participaram 180 alunos;

Escola D. Luís Ataíde, em Peniche, com Rogério Cação e a presença de 73 alunos.

Escola Josefa de Óbidos, em Óbidos, com João Neves;

Escola EB 2,3 da Atouguia da Baleia (Peniche) com 65 alunos; participou João Neves;

Jardim da Marinha Grande, com Vítor Dias;

Escola Básica e Secundária do Bombarral, com Henrique Oschemberg, com 350 pessoas.

Porto

Agrupamento de Escolas de Valongo;

Escola Secundária de Valongo, com António Graça.

Escola Secundária Gonçalves Zarco, em Matosinhos; Sessão a convite do PS local, com César Príncipe;

Agrupamento de Escolas de Santa Maria do Zêzere, em Baião, com Maria José Ribeiro;

Escola Superior de Educação, no Porto, com Maria José Ribeiro;

Escola Secundária de Oliveira do Douro, promovida pela Associação de Estudantes, com Jorge Sarabando;

Agrupamento de Escolas de Guifões e Custóias, com João Fonseca;

Escola Secundária António Sérgio, em colaboração com a Associação de Estudantes e Grupo de História; com Jorge Sarabando.

Agrupamento de Escolas Irmãos Passos, em Matosinhos, com João Fonseca.

Santarém

Escola do Couço, em Coruche, com José Pedro Soares; participaram 75 pessoas;

Escola de Coruche, para 100 alunos; com José Pedro Soares.

Aveiro

Sessão da URAP em Aveiro, com António Regala, César Príncipe e Jorge Sarabando;

Escola Secundária José Macedo Fragateiro, em Ovar, com Maria José Ribeiro.

Braga

Escola Francisco de Holanda, em Guimarães, com Ruben de Carvalho; participaram 100 alunos.

Beja

Escola Diogo Gouveia, em Beja, para 80 alunos; com José Baguinho;

Escola D. Manuel, em Beja, com José Baguinho; participaram 20 alunos.

Faro

Escola de Lagoa, com José Pedro Soares;

Exposição e sessão de teatro em Faro, seguida de debate, com José Pedro Soares;

Biblioteca Municipal de Olhão, com António Gervásio.



Desfile de dia 25 de Abril em Lisboa



Desfile de dia 25 de Abril no Porto



A exposição da URAP esteve patente em muitas escolas e colectividades

Castelo Branco

Escola Secundária do Fundão, com José Pedro Soares;
Escola Frei Heitor Pinto, na Covilhã, com Américo Nunes;
Universidade da Beira Interior, com Américo Nunes.

Coimbra

Escola Básica e Secundária de Coimbra, com António Vilarigues.

Setúbal

Escola Secundária Cacilhas-Tejo, em Almada, com José Pedro Soares;
Escola dos Pinheirinhos, na Charneca da Caparica (Almada), com Francisco Lobo;
Colégio do Vale, em Almada, com José Pedro Soares; participaram 218 alunos;

Escola Secundária Anselmo de Andrade, em Almada, com Manuel Pedro;

Escola EB2 do Monte de Caparica (Almada), com José Pedro Soares e a participação de 120 alunos;

Escola Aranguez, em Setúbal, com Conceição Matos e Domingos Abrantes;

Escola Sebastião da Gama, em Setúbal, com Américo Leal;

Universidade Sénior de Setúbal, com Américo Leal;

ATL de IPSS, com Rui Mota;

Agrupamento de Escolas «A Boa Água», em Sesimbra, com Valdemar Santos;

Lar de Férias da Casa do Gaiato, com a associação «Os Pioneiros de Portugal»; com Abílio Ferreira e Jacinto Artur.

Outras comemorações

Para além das sessões, dos debates e das exposições, a URAP comemorou os 40 anos de Abril através de muitas outras iniciativas, entre as quais merece realce as visitas de alunos de escolas secundárias de vários pontos do País à fortaleza de Peniche, guiadas por antigos presos políticos. Manuel Pedro, José Pedro Soares e Mário Araújo foram os antifascistas que acompanharam os alunos de escolas secundárias de Camarate, Loures, Cadaval, Peniche e Almada.

No Porto, realizou-se o «Roteiro da Resistência ao Fascismo no Porto – 1926/1974» e uma visita guiada às antigas instalações da PIDE na Rua do Heroísmo (ver página 8). No Seixal, a coordenadora do Conselho Directivo da URAP, Marília Villaverde Cabral, integrou o júri de um concurso de trabalhos sobre o 25 de Abril para alunos das escolas do concelho. Em Setúbal, a URAP colaborou numa iniciativa de teatro e poesia realizada pelos alunos das escolas Aranguez e Sebastião da Gama. Ainda em Setúbal, teve lugar um ciclo de cinema relacionado com o 25 de Abril, enquanto que no Barreiro se visionou o filme «Aristides Sousa Mendes», que deu o mote para um debate. Passando dos filmes para os livros, a URAP participou no lançamento do livro «No Limite da Dor», de Ana Aranha e Carlos Ademar, promovido pela Câmara Municipal de Peniche. No mesmo dia 27 de Abril, a URAP esteve também presente na cerimónia de descerramento de uma lápide evocativa da libertação dos presos políticos.

A convite de autarquias e associações, a URAP fez-se representar em diversas cerimónias e iniciativas comemorativas da Revolução: na Praça Paiva Couceiro, em Lisboa, através de Feliciano David; em São João dos Montes, Vila Franca de Xira, a convite da União de Freguesias local; em Mafra, numa iniciativa do MUNAM (movimento unitário criado para as comemorações, com elementos das autarquias e outros democratas), que contou com a participação de 200 pessoas, tendo a URAP estado representada por Eugénio Ruivo; Francisco Lobo interveio no içar da bandeira e deposição de uma coroa de flores no movimento aos resistentes antifascistas; a convite do IPO, a URAP esteve presente na inauguração de uma exposição.

A exposição da URAP, que acompanhou a generalidade das iniciativas comemorativas, pode ainda ser visitada em Almada; Barreiro; Seixal; Lisboa, Vila Franca de Xira, Odivelas, Mora, Alandroal e Açores.

URAP e o 25 de Abril nas escolas

NADA FOI OFERECIDO, TUDO FOI CONQUISTADO

Corredores com desenhos e cravos, cantigas, declamação de poemas de Sophia de Mello Breyner Andresen, de Ary dos Santos e de outros poetas, foi com todo este colorido que as escolas festejaram os 40 anos do 25 de Abril.

Abriram as portas a resistentes antifascistas, a capitães de Abril, a representantes de estruturas democráticas e prepararam os alunos para os ouvir e questionar, depois de terem relembrado o que na disciplina de História aprenderam sobre o significado da Revolução dos Cravos.

A convite das escolas, a URAP esteve entre os oradores das sessões em muitos pontos do País. Um deles, José Pedro Soares, percorreu-o de lés a lés, 20 locais, 12 escolas. Conta que aprendeu muito com os jovens de 12, 13, 14 anos, admirou a sua curiosidade e transmitiu como se viveu antes e durante o 25 de Abril.

José Pedro Soares, um jovem que viu a liberdade em 27 de Abril de 1974 do Forte de Peniche, onde se encontrava detido, relatou como funcionavam as sessões nas escolas: «dizíamos que estávamos ali para comemorar uma data de grande significado para o povo português, procurávamos sempre envolvê-los e eu muitas vezes descrevia o que foi a liberdade, o que foi a guerra e o seu significado.»

«Explicava que havia muitas casas sem casa de banho, sem electricidade, as estradas não eram estas, uma parte do povo não sabia ler, nas escolas os rapazes entravam por uma porta e as raparigas por outra, o ambiente era diferente, não podiam namorar, não tinham professores com quem pudessem conversar e falar de problemas», acrescentou.

Dar tudo pela liberdade

Um tema que interessava muito os jovens, pela aventura que contém e pela heroicidade dos protagonistas, era o das fugas das prisões. José Pedro Soares contou-lhes episódios da fuga da cadeia de Caxias de oito militantes comunistas, em 1961, usando um velho carro, à prova de bala, oferecido por Hitler ao ditador Salazar.

Igualmente relatou a fuga de António Dias Lourenço, em 1954, do Forte de Peniche. Uma fuga audaciosa em que o preso se atirou ao mar, histórias que levavam por vezes os alunos a questionarem-lhe porque não fugiu.

«O 25 de Abril teve um grande significado para as pessoas da minha geração mas também para vocês todos. Sabem que só um reduzido número de crianças tinha acesso à escola, ao 11.º e 12.º anos, à universidade? Se vos perguntam: onde é que nasceram? Na maternidade tal ou tal. Sabem que a maioria das crianças nascia em casa e às vezes sem assistência?», questionou.

Este antigo preso político, barbaramente torturado pela PIDE, com 820 horas de interrogatório, 33 dias de tortura do sono, agredido a socos e pontapés, chicoteado e ameaçado de ser morto a tiro estava diante das crianças a dar exemplos o que era antes do 25 de Abril e porque festejamos o 25 de Abril e também a derrota do fascismo e da violência, dos interesses económicos, das pessoas que morreram e das que foram torturadas.

«Contava a história desde o golpe militar que proibiu as associações, os sindicatos, o que foi o chamado Estado Novo em 1928 que era um estado velho com a sua Constituição fascista», disse, para acrescentar «falava por vezes da internacionalização, na II Guerra Mundial. Dava-lhes informações como: sabem que a Sophia de Melo Breyner vai agora para o Panteão Nacional? Ela escreveu um poema dedicado a Catarina Eufémia, uma camponesa que foi morta. Há outras que também foram mortas, como Dias Coelho. Falava de outros países como a América Latina. Contava o que aconteceu ao cantor chileno Víctor Jara, morto pelos militares após o golpe de Pinochet, a quem cortaram os dedos para não poder tocar, falava do Zeca...».

Lutar por um Mundo melhor

Nas sessões, afirmou, «procurava falar sempre sobre o papel da juventude, sobre o que passei quando fui preso, sobre a resistência, a guerra colonial a luta pelo direito ao voto aos 18 anos... grande conquista que foi inscrita na Constituição. Sobre como foi formado o movimento que deu origem ao MFA, como os militares deram o corpo, mas também nas reuniões de trabalhadores nas empresas, nas minas, entre os pescadores, camponeses, mulheres, etc., e entre os intelectuais, escritores, poetas. Resistiram e foram presos por vezes porque o regime tinha uma polícia organizada e por isso durou quase 50 anos». «Dei-lhes um exemplo: se numa escola antes do 25 de Abril estivessem reunidos alunos com professores a falar de liberdade e democracia, os alunos veriam pela janela muita polícia lá fora e um bocado depois entravam uns senhores para parar a sessão. Os professores seriam chamados à PIDE e se a escola fosse pública talvez demitidos. Os pais dos alunos também seriam chamados. Tudo o que não acontece agora que há liberdade», lembrou.

José Pedro Soares – personagem de peça de teatro editada em livro e muito representada em colectividades – abordou sempre o tema da política, mostrando que ser político é nobre, é ajudar as populações, é zelar pelo bem-estar e pela melhor qualidade de vida, para questionar: «como é que hoje podemos ser felizes, como é que podemos lutar por um mundo melhor? Hoje alguns de vocês já pensam em emigrar para a Suíça, para a Alemanha... Devemos valorizar o conteúdo da nossa democracia que está a ser tão seriamente atingida.»

«O 25 de Abril não foi um golpe como dizem, foi uma coisa mais complexa. Na rádio, os militares diziam fiquem em casa, mas o povo veio para a rua e seguiram-nos. Se não tivessem estado em Caxias e Peniche, o Spínola não teria libertado os presos políticos. Nada foi oferecido, tudo foi conquistado.»



CRÓNICA DE UMA TR

Vamos ler com atenção estas duas notícias:

Helicópteros e aviões sírios bombardearam um edifício municipal de uma cidade dos arredores de Damasco. Nos escombros ficaram mais de dez mortos, entre os quais mulheres e crianças. A escalada militar prossegue na Síria, o regime não hesita em utilizar aviões para bombardear civis e veículos que transportam feridos para os hospitais, como nos recentes confrontos no aeroporto de Aleppo, em que foram mortas mais de 40 pessoas.

Milhares de manifestantes chavistas fortemente armados manifestaram-se a favor do governo e contra as manobras da oposição, que acusam de estar a soldo dos EUA, durante a manifestação num município de arredores de Caracas. A sede dos sindicatos locais foi atacada, onde se refugiaram centenas de activistas da oposição. Grupos de chavistas lançaram fogo ao prédio. Tendo abatido pessoas que fugiam para não serem queimados vivos. Apesar de no local estarem mulheres, crianças e pessoas desarmadas, nem a polícia, nem os bombeiros fizeram nada. Calcula-se que tenham morrido cerca de 40 pessoas.

O presidente Nicolas Maduro responsabilizou o presidente Obama da tragédia: «houve durante o dia uma série de provocações, orquestradas por agentes dos EUA, para levar a este trágico massacre.»

Nenhuma destas notícias é verdadeira, a menos que se troquem algumas palavras: onde se lê arredores de Damasco, deve se ler Slaviansk; a aviação síria deve ser mudada para ucraniana, e o aeroporto de Aleppo é o de Donetsk.

A segunda notícia também é preocupantemente verdadeira. Não se passa na Venezuela. Se fosse o caso o Conselho de Segurança já tinha mandado bombardear Caracas e os EUA provocado um golpe de Estado. A notícia tem menos de um mês e dá-se na cidade ucraniana de Odessa, em que manifestantes nazis atacaram um acampamento de opositores ao governo de Kiev e deitaram fogo ao prédio da União dos Sindicatos de Odessa, onde estes se tinham refugiado. O governo de Kiev acusou a Rússia e Putin de estarem por detrás dos incidentes.



As populações do Leste e Sul da Ucrânia, como muitos ucranianos de outras regiões, rejeitam a tomada do poder por forças de carácter nazifascista

TRAGÉDIA ANUNCIADA

Alianças sangrentas

Em nenhum destes casos houve qualquer escândalo da imprensa mundial ou da chamada «comunidade internacional». Há muito que para a União Europeia e para Washington os direitos humanos são directamente associados aos seus interesses.

Na Ucrânia verifica-se a aliança dos sectores nacionalistas de direita com os plutocratas que receberam as principais empresas do Estado, e que durante muito tempo apoiaram o Partido das Regiões do deposto presidente, dito pró-russo, Yanukovitch.

O presidente «eleito» por menos de um quarto dos eleitores é um multimilionário e chamado o rei do chocolate. À frente da defesa dos interesses de Kiev no Leste da Ucrânia estão dois plutocratas e dos mais ricos homens do país: Rinat Ajmetov e Ilhor Kolomoysky. Ameaçaram de despedimento as centenas de milhar de operários, das suas empresas, se não votassem nas eleições presidenciais. Obrigaram-nos a participar em acções políticas enquadrados pelos esbirros do patrão. E mesmo assim, o Leste da Ucrânia quase não foi votar. Não admira, portanto, que o governo de Kiev queira ilegalizar o Partido Comunista da Ucrânia. Mais do que pseudo-razões nacionais, o governo pró-ocidental quer garantir um regime político em que nunca os plutocratas possam ser desapossados do que roubaram, nem que para isso entreguem o país à NATO.



Apesar dos bombardeamentos e da repressão, muitos são os ucranianos que resistem ao fascismo e lutam por um país democrático



As forças de extrema-direita que apoiam os golpistas de Kiev inspiram-se nas mais negras figuras da história ucraniana, como Stepan Bandera, que colaborou com os nazis na Segunda Guerra Mundial

Dramática confirmação

No início da crise ucraniana, escrevi um artigo de opinião para o jornal *i* que começava assim:

«O jornalista Chris Floyd, “CounterPunch”, fez um exercício para testar a hipocrisia ocidental em relação aos acontecimentos na Ucrânia, colocou-os numa praça central de Washington e perguntou-se quão diferente seria a reacção da comunicação e dos comentadores habituais ao acontecido.

“E o facto é que nem um só dos governos ocidentais que agora denunciam a repressão do governo ucraniano teria tolerado uma situação semelhante. Tente imaginar que milhares de adeptos do Tea Party, por exemplo, tinham declarado o governo eleito de Barack Obama demasiado corrupto e ilegítimo para continuar, montando um campo armado no meio de Washington, ocupando meses a fio o Edifício do Tesouro e o Departamento de Justiça, enquanto reunia com os líderes chineses e russos, que então começavam a exigir que um “governo de transição” se instalasse na Casa Branca. Qual seria a reacção do governo? Não há dúvida que a sua actuação faria a de Yanukovych parecer um piquenique da catequese.”

«Visivelmente não é o caso da revolução nacionalista ucraniana. Tal como na Jugoslávia, estamos a assistir ao início de uma guerra civil, num país em que o nacionalismo esteve sempre associado ao genocídio. O partido Svoboda, chamado Liberdade, para esconder o seu contrário, descende de organizações nazis que colaboraram com as tropas de Hitler, integraram divisões SS, mataram polacos, comunistas e judeus. Chamava-se até há pouco Partido Nacional-Socialista e tinha como símbolo uma estilização da cruz gamada.

Nas anteriores eleições teve 10%, com votações de 30% a 40% nas regiões ocidentais da Ucrânia. A sua primeira medida, nestes últimos dias, foi proibir a língua russa como segunda língua nacional. Nas regiões em que domina, assaltou as sedes dos partidos em que vota a maioria da população ucraniana que fala o russo e proibiu a sua actividade.

Não existe nenhuma liberdade nem democracia que venha com as botas cardadas dos nazis.

Como a desintegração da Jugoslávia provou, a civilização é um verniz ténue. E a guerra vai voltar ao solo europeu. Com a diferença que desta vez existem no território dos povos em conflito armas nucleares.

A história mostrou-nos que ao contrário do que acontece nos filmes de Hollywood não há sempre finais felizes, as coisas podem sempre piorar. Os governos da União Europeia, dos Estados Unidos e da Rússia vão lamentar ter brincado aos aprendizes de feiticeiros, assim como milhões de vítimas ucranianas.»

Infelizmente, parece que tudo se confirma.

Nuno Ramos de Almeida

URAP QUER CLASSIFICAR EDIFÍCIO DA PIDE NO PORTO MEMÓRIA DA RESISTÊNCIA ANTIFASCISTA

A URAP, através do núcleo do Porto, tem estado na primeira linha da luta pela identificação e classificação do edifício da Rua do Heroísmo, 329, no Porto – que foi, entre a década de 30 do século passado e o dia 26 de Abril de 1974, a delegação local da PIDE e onde, segundo os registos existentes, cerca de 7600 cidadãos portugueses sofreram prisão, foram interrogados e torturados – como memória da resistência e da luta antifascista. Este edifício ficou, depois do 25 de Abril, sob a égide do Ministério do Exército albergando, desde 1977, após demolição de parte das instalações e outras alterações, o Museu Militar do Porto.

Em 2009, já na sequência de visitas guiadas às instalações, variadas acções e contactos com a direcção do Museu, a URAP apresentou um projecto global de recuperação da memória e salvaguarda do património, através de uma exposição permanente, designado por «Do Heroísmo à Firmeza – percursos na memória da casa da PIDE no Porto (1934-1974)», assegurando a compatibilidade entre este projecto e o Museu Militar. Este projecto, da autoria do arquitecto Mário Mesquita, que prevê o estabelecimento de um percurso expositivo próprio através de sinalética nas salas, corredores, escadarias e celas e o recurso a fontes documentais (normas de serviço internas, entrevistas, fotos, registo geral de presos, objetos de uso, etc.), foi apreciado e teve a aceitação do General Diretor da História e Cultura Militar.



Insistir sempre

Entretanto, depois de em Abril de 2012 ter sido já publicamente apresentado, inexplicavelmente, foi dada como não oportuna a sua implementação por parte da hierarquia militar. É assim que, no início deste ano, em que se comemoram 40 anos da Revolução de Abril, o núcleo do Porto decidiu tomar uma série de iniciativas com vista a uma decisão positiva por parte das entidades competentes que conduza à concretização deste projecto, reconhecidamente meritório.

Entre elas, destacam-se a recolha de assinaturas para um abaixo-assinado dirigido ao Presidente da República, presidente da Assembleia da República, Primeiro-ministro e grupos parlamentares, que recolheu cerca de 1500 assinaturas; o pedido de audiência a todos os grupos parlamentares (a que apenas o PS não deu resposta), que resultou numa pergunta muito concreta dirigida ao Ministério da Defesa Nacional pelo PEV e no Projecto de Resolução do PCP que irá ser discutido e votado na Assembleia da República.

O assunto foi ainda levado à Câmara Municipal do Porto, pelo vereador da CDU, numa proposta, aprovada por unanimidade, que reclama junto do Governo – nomeadamente do ministro da Defesa Nacional – a classificação do edifício da Rua do Heroísmo, 329, como memória da resistência e da luta anti-fascista.

Na sequência já da resposta do Ministério da Defesa Nacional, o Núcleo do Porto vai prosseguir o seu trabalho com novas acções que levem à realização deste desígnio, que é também, neste ano de comemoração dos 40 anos de Abril, a oportunidade de dotar a cidade do Porto e o Norte do País de um memorial que levante do esquecimento milhares de vítimas do fascismo que lutaram por um País livre e democrático.



PAGA A TUA QUOTA, APOIA A URAP

A **URAP** necessita, para prosseguir e intensificar a sua actividade, do apoio de todos. Pagar a quota, se possível actualizando o seu valor, é essencial para que a **URAP** continue a crescer e a afirmar-se na sociedade portuguesa. Os sócios poderão pagar a sua quota na sede da **URAP**, nos seus núcleos ou através de transferência bancária para o **NIB 0007 0021 0014 3750 0065 3**. Neste último caso, será necessário enviar comprovativo de pagamento para geral@urap.pt ou para o endereço postal.